

# VOZES E SILÊNCIOS: MEMÓRIA, IDENTIDADE, RELIGIOSIDADE E REPRESENTAÇÃO DA MULHER “COLONA” NA COMUNIDADE DO RIO DA ILHA

**Autora**

Ana Paula Moutinho Ferraz<sup>1</sup>

## RESUMO

Nas últimas décadas, muito se tem revisto e estudado sobre a história das mulheres, sobre sua contribuição e sua percepção da realidade, a partir da sociedade em que se encontra. Todavia, apesar de inúmeros estudos específicos sobre a mulher alemã do século XIX, pouco se sabe ou se analisa a respeito da mulher descendente alemã, da mulher da atualidade, calcada nos saberes trazidos de seus antepassados. O artigo a seguir procura lançar o desafio de rememorar e trazer a tona o cotidiano destas mulheres que é de grande valia para os estudos históricos atuais, não só pelo fato de serem descendentes de uma etnia que contribuiu de maneira importante para desenvolvimento da região sul, mas também por revelarem informações importantes sobre como as mulheres participaram do processo de apropriação e cultivo no meio rural entre os séculos XX e XXI e a preservação da cultura e dos costumes herdados dos primeiros imigrantes. Tem como referencial a discussão sobre as representações produzidas e difundidas pelas mulheres inseridas no contexto rural do Vale do Paranhana.

**Palavras-chave:** Imigração. Mulheres. Contemporaneidade.

---

<sup>1</sup> Licenciada em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS  
Especialista em Educação Inclusiva pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA  
Mestranda do curso de pós-graduação em Teologia da EST, na área de concentração de Teologia e História. Bolsista Capes. e-mail: anamferraz@gmail.com

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A imigração foi um fator importante para a formação da região centro-sul do Brasil. No século XIX, com o incentivo aos primeiros imigrantes, que, na Europa, estavam passando por uma situação extremamente difícil no âmbito político e econômico, algumas etnias se arriscaram a cruzar o oceano e se instalar em definitivo em uma terra desconhecida.

Se de um lado as famílias necessitavam de uma nova esperança para poder recomeçar, de outro o governo brasileiro também tinha urgência na vinda de mão de obra para trabalhar nas lavouras de café, já que, desde 1808, o tráfico de escravos tinha sido proibido pela Inglaterra. Outro motivo que levou o governo brasileiro a investir nesses imigrantes, principalmente voltando-os para as áreas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, foi a necessidade de controlar os limites e fronteiras e de povoar essa região, ainda inabitada por homens brancos, pois os índios eram os donos da parte meridional do Brasil.

E é exatamente nesse contexto de imigração, em que essa transferência era realizada em conjunto, muito diferente dos primeiros colonizadores espanhóis e portugueses, que encontramos, muitas vezes de maneira sutil, tênue e superficial, a participação feminina. Dentro dessas famílias<sup>2</sup>, exercendo papel importantíssimo, mas nem sempre lembrado e reconhecido, estavam as mulheres, mães, filhas, esposas e avós, que construíram parte da história da imigração alemã que hoje conhecemos.

---

<sup>2</sup> Aqui se referindo às famílias constituídas por pai, mãe e filhos. Porém, como estavam estabelecidas em diversos lugares e, muitas vezes, com laços de parentesco extremamente difíceis devido à acessibilidade, conforme Witt, "O trabalho, a cultura e o desenvolvimento trazido e proporcionado pelos imigrantes podem ser facilmente encontrados nos autores considerados clássicos. Porém, no que tange às relações familiares – inclusive as de amizade -, tornam-se mais escassas as referências a esse tipo de vínculo entre os imigrantes e seus descendentes, e entre estes e os seus vizinhos nacionais" (WITT, p.2).

**XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:***"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A  
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"*

Entretanto, mesmo sendo parte essencial do processo de formação da sociedade sulina, ela não é vista como parte do processo, mas, sim, como um adereço, uma figura que nada mais faz do que cumprir o seu “papel de mulher”. Porém, cada gesto, cada atitude, deixa latente, mesmo que de maneira subjetiva, seu verdadeiro objetivo: ser mais do que dona-de-casa, ser a dona da casa.

A mulher colona sulina, devido às necessidades, auxiliava no sustento da família. Na medida em que ia adentrando terras desconhecidas, derrubava a mata, arando e cultivando a terra concomitantemente à tarefa de ser mãe e esposa. Isso deu a essa mulher imigrante uma pequena liberdade em comparação às demais mulheres da época que habitavam outras regiões do Brasil<sup>3</sup>.

E é essa mulher, ou melhor, a descendente dessa mulher, que aprendeu com seus antepassados conceitos de religião, ética e moral que auxilia, ainda hoje, na formação da sociedade. Com base em relatos das próprias mulheres, é possível analisar a importância dela no contexto social e a visão da própria mulher sobre ela mesma. Além disso, há uma necessidade latente no que tange aos estudos sobre as mulheres, de ultrapassar a barreira do século XIX sobre os estudos de imigração e aprofundar os estudos sobre a influência da imigração na atualidade.

## **2 IMAGENS E REPRESENTAÇÕES: A IDEALIZAÇÃO DA MULHER DO SÉCULO XIX**

Durante todo o século XIX, houve um movimento, proveniente da Europa, o qual se espalhou aos poucos pelo mundo todo, que foi a normatização e idealização da figura feminina. É certo que a mulher, de modo geral, sempre sofreu com as normas e regras de uma sociedade extremamente patriarcal, mas, no século XIX, isso ficou ainda mais evidente: se antes a participação feminina ocorria no mercado

---

<sup>3</sup> A mulher colona não trabalhava para si; suas produções domésticas, que ultrapassavam as fronteiras de seus lares, estiveram sempre voltadas para o seio familiar e a sua comunidade envolta. Portadora de uma essência inconfundível, a mulher rural do sul do Brasil foi elemento fundamental na formação da imagem do sul brasileiro (RIEHEL, 2008, p.721).



**XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:**

*"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A  
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"*

de trabalho, a partir desse século, o mais recomendado era a atuação da mulher exclusivamente no âmbito doméstico.

Entretanto, em pleno século XIX, em que as efervescências das áreas das Ciências começam a modificar os hábitos da sociedade moderna, a figura feminina ainda estava estreitamente ligada ao homem. Submissa e controlada pelas ordens da Igreja, a mulher via-se sem perspectiva de futuro, a não ser, é claro, ser a mãe zelosa e a esposa honrada, figura que, cada vez mais, passa a ser enaltecida dessa forma.

Seguindo os moldes de generalização e controle da figura feminina na sociedade moderna do século XIX, muitas vezes sua contribuição no trabalho laboral junto ao cônjuge não recebeu o valor merecido. Até por que

A manutenção dos hábitos e dos costumes alemães dependia das mulheres, as quais, através da "prezadas domésticas" ofereciam um conforto difícil de ser mantido sem a figura feminina. Apesar disso, o que se observa é que somente os homens são responsáveis pelo desenvolvimento da região. A própria representação da imagem das mulheres de origem alemã como "trabalhadeira", diferentemente "trabalhadores", contribui para a invisibilidade da contribuição feminina.<sup>4</sup>

Essa invisibilidade é evidente quando analisamos estudos realizados sobre a imigração alemã no sul do país, que, durante muito tempo, ficou restrita ao papel do homem imigrante na sociedade, e não da mulher. Isso, quando da chegada das primeiras imigrantes alemãs, já era algo que estava arraigado na cultura do Brasil, país que durante muito tempo foi colônia e que, por isso mesmo, sofreu forte influência da Igreja na sua formação.

As mulheres, habitantes de um Brasil que ainda estava em formação, sofreram as influências dominadoras e sufocantes exercidas por vários órgãos da sociedade. É por esse motivo que o ensino para mulheres passou a ser algo aceitável e até necessário, porém com muita cautela. Para elas, durante "as últimas

---

<sup>4</sup>DEL PRIORE, Mary. História das Mulheres no Brasil, 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004, p.289.

**XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:***"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A  
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"*

décadas do século XIX apontam, pois, para a necessidade de educação para a mulher, vinculando-a à modernização da sociedade, à higienização da família, à construção da cidadania dos jovens.”<sup>5</sup>

As mulheres colonas alemãs do final do século XIX e início do século XX passaram por uma nova adaptação. Como já tinham adquirido certa estabilidade econômica, nesse momento as mulheres dessa descendência deveriam adequar-se devidamente ao contexto, ou seja, precisavam deixar de ser mulheres economicamente ativas para passarem a ser mulheres submissas, dedicadas ao marido e aos filhos, principalmente as mulheres pertencentes às classes mais abastadas. Dessa forma:

Através das cartas e da literatura que tematizam a época e a região é possível afirmar o que se esperava de uma “moça alemã”. Ela deveria saber se fazer respeitar; ser asseada, ser boa mãe e boa filha; ter uma sexualidade restrita ao casamento; ser solidária com vizinhos e parentes, além de econômica e comedida.<sup>6</sup>

O fato de ser mulher, vivendo no século XIX, já era um motivo para viver sempre tentando provar sua capacidade e resistência diante do Estado e da Igreja. Todavia, não era nada fácil ser do sexo feminino nesses tempos. Como revela Perrot:

[...] ser mulher nunca é fácil, sobretudo naquele século 19 que, em sua racionalidade triunfante, provavelmente levou a seu paroxismo a divisão sexual dos papéis e dos espaços, definindo o “lugar das mulheres” com um rigor apoiado no discurso científico<sup>7</sup>

Contudo, ao final do século XIX e início do século XX, com a cobrança cada vez maior dessa figura feminina perfeita, a mulher colona alemã foi, cada vez mais, enquadrando-se nos padrões que sociedade esperava dela, principalmente no que se referia ao trabalho.

<sup>5</sup> Idem, p.447.

<sup>6</sup> Idem, p.289.

<sup>7</sup> PERROT, Michelle, *As mulheres ou os silêncios da história*, Bauru. São Paulo:EDUSC,2005,p.78.

Mesmo assim, como afirma Michelle Perrot, 2005:

[...] a história do trabalho feminino é inseparável da história da família, das relações entre os sexos e de seus papéis sociais. A família, mais do que o trabalho que ela condiciona, é a verdadeira ancoragem da existência das mulheres e de suas lutas, o freio ou o motor de sua mudança. O trabalho, por si só, não pode libertá-las, ainda que possa contribuir para isto.<sup>8</sup>

Ou seja, mulher e família estão intrinsecamente e eternamente ligadas. Isso se torna claro quando observamos que no “mundo ocidental do século XIX, o destino da mulher era gerar e criar filhos. Conforme a opinião prevalecente, as qualidades que lhe tornavam inferior ao homem era exatamente as mesmas que a habilitavam a ser mulher.”<sup>9</sup> Mais do que ser mulher, em primeiro lugar era preciso ser mãe. O que levava, acima de tudo, à negação dela mesma como pessoa, como ser humano, como parte da sociedade.

Sua real função é de ser o “esteio da família”, repassando seus conhecimentos e concepções para seus rebentos, nutrindo seus costumes. Esse foi um papel fundamental da mulher imigrante no sul do Brasil, pois a “memória das mulheres é verbo. Ela está ligada à oralidade das sociedades tradicionais que lhe confiam a missão de contadora da comunidade da aldeia”<sup>10</sup>. Assim ocorria na Europa, assim continuava ocorrendo no Brasil.

Mesmo tendo tanta relevância no que se refere à construção dessa nova sociedade que estava se formando na América, a mulher muitas vezes se calava. E foi exatamente nesse contexto de idealização da mulher, ocorrida entre os séculos XIX e XX, que houve uma perda, um vácuo, no que tange a história das mulheres. Era proibido expressar-se; à mulher correta cabia o silêncio. Como enfatiza Michelle

---

<sup>8</sup> Idem, p.244.

<sup>9</sup> BARMAN, Roderick. Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX, São Paulo: Editora UNESP, 2005.

<sup>10</sup> PERROT, Michelle, As mulheres ou os silêncios da história, Bauru. São Paulo:EDUSC,2005, p.40.



Perrot, 2005, "Por pudor, mas também por autodesvalorização, elas interiorizavam, de certa forma, o silêncio que as envolvia."<sup>11</sup>

Este pudor fez com que, muitas vezes, as memórias destas mulheres caíssem no esquecimento. E é, neste contexto, que o lembrar histórias como essas, através de entrevistas, traz à tona diversas informações pertinentes ao estudo da história da mulher colona alemã na atualidade.

### **3 MEMÓRIAS SUBTERRÂNEAS E OFICIAIS: O REMONTAR DA HISTÓRIA ATRAVÉS DA ORALIDADE**

O método da história oral, implementado pelos historiadores da *Escola dos Annales*, que foi difundido vastamente a partir do século XX, é muito revelador<sup>12</sup>, principalmente quando se trata da história das mulheres. Mesmo porque, trata-se de uma parte da história pouco explorada, e, por esse motivo, é necessário trazê-la à superfície. Desse modo, "ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas, que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "memória oficial".<sup>13</sup> Mesmo porque é interessante salientarmos o quanto a figura masculina imigrante foi supervalorizada em detrimento da figura feminina, mesmo que esta última tenha a mesma importância que a primeira.<sup>14</sup>

Através da palavra dessas mulheres, poderemos analisar como vivem, pensam e agem as mulheres imigrantes do século XXI, não só levando em

---

<sup>11</sup> Idem, p.13.

<sup>12</sup> Pois trata-se de uma concepção histórica que permite ao historiador "É a experiência do indivíduo com o passado que precisa ser compreendida, o que implica termos em conta o trabalho da memória na formação das identidades pessoais e sociais" (HARRES,2004, p.144).

<sup>13</sup> POLLAK, Michel.Memória, esquecimento, silêncio.Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989, p. 4.

<sup>14</sup> A história da imigração alemã, em geral, deu mostras disso, quando preservou a memória do *colono pioneiro* e não da colona, igualmente pioneira, no desenvolvimento da colônia rural e, por extensão, das áreas urbanas nas suas proximidades (DREHER, 2008, p.737).

**XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:**

*"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A  
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"*



consideração a história local, mas também toda uma gama de outros aspectos que constituem a história das mulheres<sup>15</sup>. É necessário frisar que:

[...] ainda que definidas pelo sexo, as mulheres são mais que uma categoria biológica: elas existem socialmente e compreendem pessoas do sexo feminino de diferentes idades, de diferentes situações familiares, pertencentes a diferentes classes sociais, nações e comunidades; suas vidas são modeladas por diferentes regras sociais e costumes, em um meio no qual se configuram crenças e opiniões decorrentes de estruturas de poder.<sup>16</sup>

Nesse aspecto, quando nos referimos especialmente à história das mulheres, é importante ressaltar:

"Por sua falta de respeito, sua ironia, sua espontaneidade, a palavra das mulheres é cheia de subversões. [...] é também pelas mulheres- mulheres crepusculares-, que se transmite, e geralmente de mãe para filha, a longa cadeia de histórias de ou dos vilarejos."<sup>17</sup>

Porém, cada vez mais essa retomada tem sido feita, e muito tem contribuído à história das mulheres, não somente para rememorar sua história em particular, mas também para um novo olhar à história oficial, pois "a contribuição particular da história das mulheres foi a de reorientar o interesse pelas pessoas comuns do passado- motor da história social- na direção das mulheres e das suas relações sociais econômicas e política."<sup>18</sup>

<sup>15</sup> "A experiência passa a ser valorizada. Não por serem essas pessoas "testemunhas" de um passado, e por se acreditar ser possível "resgatá-lo" por meio das narrativas registradas. Mas, sim, porque essas pessoas podem, ao falar de suas experiências, contar uma versão do passado e repensar uma vida a partir das inquietações e tensões do presente"(RIBEIRO,2002,p.3)

<sup>16</sup> TILLY,Louise A.Gênero, história das mulheres e história social.Cadernos Pagu(3), 1994, p.31.

<sup>17</sup> Perrot, p.217.

<sup>18</sup> TILLY,p.35.



**XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:**

*"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A  
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"*



Trabalhar com a memória<sup>19</sup>, ressaltando sua importância, é fundamental para comprovar o quanto as mulheres camponesas do século XXI têm seu valor e seu destaque. Isso só é possível através da fala, do contar e recontar de suas histórias. Assim:

[...] a recuperação desta memória é uma questão fundamental na escrita da história das mulheres, seja porque elas ainda permanecem como um grupo o qual a história, durante muito tempo negou-se a investigar, ou reservou-lhe um lugar sem qualidade, seja porque compõem um grupo social que, embora constituía a outra metade da humanidade, continua a sofrer diversas formas de opressão e de exclusão.<sup>20</sup>

Construir o presente para vislumbrar o futuro, tendo como base um passado ainda tão pouco explorado, essa é a proposta<sup>21</sup>. Também valorizar e (re)significar a importância dessas histórias particulares para a história da imigração alemã na atualidade, tendo como referência as experiências de mulheres colonas do século XXI<sup>22</sup>. Mulheres, sim, mulheres, seres atuantes, mesmo que isso lhes pareça algo estranho que, como afirma Michelle Perrot, 2005:

“As mulheres não são nem passivas submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por mais reais que sejam, não bastam para conter a sua história. Elas estão presentes aqui e acolá. Elas são diferentes. Afirmam-se por outras palavras, por outros gestos .”

<sup>19</sup> Conceito de memória coletiva, que ultrapassa os interesses individuais. Memória esta com valor histórico, segundo Le Goff “Transmissão de conhecimentos considerados como secretos, vontade de manter em boa forma uma memória mais criadora que repetitiva; não estarão aqui duas das principais razões da vitalidade da memória coletiva nas sociedades sem escrita?(Le Goff, 1990,p.431).

<sup>20</sup> SOUSA, Cyntia Pereira de [et all]. Memória e autobiografia: formação de mulheres e formação de professoras. Revista Brasileira de Educação. Mai/Jun/Jul/Ago. 1996. Nº2, p.62

<sup>21</sup> Da importância da coleta de dados e a utilização destas em uma pesquisa “Nesse sentido, trabalhar com histórias de vida possibilita examinar a significação assumida pelo passado em termos individuais, mas tendo em conta a inserção e interação social em diferentes momentos da vida do depoente. ( HARRES,2004,p.152).

<sup>22</sup> Conseguindo coletar os dados necessários, é importante o olhar crítico do pesquisador, como afirma Ribeiro: “O autor/mediador se faz presente em todos os momentos da pesquisa, iniciando na organização do projeto, passando pela realização e transcrição das entrevistas, finalizando com uma interpretação do material produzido.(RIBEIRO, 2002, p.3).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Analisamos de que maneira a figura feminina, principalmente a idealizada durante o século XIX e construída a partir da concepção científica e religiosa da época, foi sendo moldada no decorrer desse século. Nela, não coube à mulher escolher o que e como fazer, mas, sim, coube a ela obedecer e calar-se, pois era isso mesmo que a sociedade esperava dela. De modo específico, enfatiza-se a figura da mulher colona do século XIX, que chega a terras americanas e, além de adaptar-se ao novo modo de vida em um lugar estranho, precisa se adequar as preceitos exigidos à mulher do seu tempo.

Além disso, observa-se o quanto, na atualidade, a história da mulher, de modo geral, vem sendo tratada de maneira secundária. Principalmente quando nos referimos à mulher colona alemã, a bibliografia disponível é extremamente superficial, pois a ênfase dada ao imigrante do sexo masculino sobrepõe-se ao todo do contexto histórico.

Percorrendo diversas referências sobre a importância da história oral no resgate e na valorização da história dos esquecidos, nota-se a relevância de um estudo mais aprofundado sobre a construção da identidade e das representações da mulher descendentes de imigrantes alemães na atualidade, tendo em vista que muito ainda precisa ser feito. Conclui-se, portanto, que há uma grande necessidade de rememorar as histórias dessas mulheres a partir delas mesmas, em que seja feita a escuta dessas histórias de antigamente e de como estão suas vidas hoje, para que assim se possa entender melhor como essas mulheres contribuíram para a construção da sociedade de hoje.

#### **REFERÊNCIAS**

BARMAN, R. **Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX**, São Paulo: Editora UNESP, 2005.

**XI SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS:**

"A DEMOCRACIA AINDA É A QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A  
DITADURA CIVIL-MILITAR E A COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE"

DEL PRIORE, M. História das Mulheres no Brasil, 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

DHEHER, S. S.; RIECHEL, D. In: Imigração e relações interétnicas. MARTIN N. D.; JAQUELINE A. K.; MIQUÉIAS H. M. (Org.) São Leopoldo: Oikos, 2008.

HARRES, M. M. Aproximações entre história de vida e autobiografia: os desafios da memória. **Revista História Unisinos**, v. 8, n 10, p. 143-156. Jul./dez., 2004.

HEREDIA, B.; GARCIA, M. F.; GARCIA JR, A. O lugar da mulher em unidades domésticas camponesas". In AGUIAR, Neuma (coord.). **Mulheres na força de trabalho na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1984.

LE GOFF, J., 1924 . História e memória / LE GOFF, J. tradução Bernardo Leitão [et al.] - Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**, Bauru. São Paulo: EDUSC, 2005.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.2, n 3, 1989.

RIBEIRO, S. L. S. Visões e Perspectivas: documento em História Oral. **Revista de História Oral**, 2007. Disponível em: <followscience.com.>.

SEYFERTH, G. Identidade étnica, assimilação e cidadania: A imigração alemã e o Estado brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 7, n 18, p.79-95.

SOUSA, C. P. et all. Memória e autobiografia: formação de mulheres e formação de professoras. **Revista Brasileira de Educação**. mai./jun./jul./ago. 1996. N 2.

TILLY, L. A. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu** (3), 1994.

WITT, M. A. **A união perfeita: estratégias familiares e inserção política** (Rio Grande do Sul – século XIX). Encontro Estadual de História. Associação Nacional de História, 9., Seção Rio Grande do Sul – ANPUH-RS, 2008. Disponível em: <www.eeh2008.anpuh-rs.org.br/simposio/public.>.